

NOS ESPAÇOS PANTANEIROS, A FESTA DOS MORTOS: UMA BREVE VISITA

Gilian Evaristo França Silva¹

RESUMO: Este artigo tece uma reflexão que tem como foco privilegiado o território da comunidade de São Pedro, no distrito de Joselândia, Barão de Melgaço-MT, no entorno da Reserva Nacional de Patrimônio Natural (RPPN) do Serviço Social do Comércio (SESC Pantanal). Com a utilização do trabalho etnográfico, às luzes da História Oral, oportunizamos uma análise sobre as práticas culturais fúnebres dos católicos dessa comunidade rural. São Pedro é uma comunidade pantaneira presente em um ambiente rural e sazonal, sofrendo o fluxo do subir e descer das águas em sua espacialidade. Visitamos os cemitérios da localidade, acompanhando o dia de Finados, conversando com os moradores da região sobre os rituais fúnebres católicos praticados por eles. Essa vivência nos mostrou aspectos importantes da sua organização social, presente em muitas regiões rurais do Brasil, como o uso comum da terra, o trabalho coletivo e a predominância do catolicismo. Desta forma, ampliamos o leque de possibilidades de estudos sobre as relações sociais e os modos de vida desses homens e mulheres no Pantanal Mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal Mato-grossense, práticas fúnebres, representações sociais.

ABSTRACT: This paper brings a reflection that has as privileged focus the territory of the community of São Pedro, in the district of Joselândia, Barão de Melgaço in the state of Mato Grosso at the environment of the National Reserve of Natural Patrimony (RPPN) of the Social Service of the Commerce (SESC Pantanal). Based on the ethnographic studies through the lights of Verbal History, it was offered an

¹ Mestrando em História, pela UFMT; professor de História do Cefet-MT. E-mail: gilian.his@gmail.com.

analysis about funerals cultural practices made by the catholic who live at this agricultural community. São Pedro is a *pantaneira* community in an agricultural and season environment. This environment suffers the going up and down waters flow according to its spatiality. Visits to the local cemeteries in the dead's day, conversations with the inhabitants of the region about the funeral rituals practiced by catholic were also done. This experience revealed important aspects of the social organization in many agricultural regions of Brazil, as the common use of the land, the collaborative work and the predominance of the Catholicism. This research enlarged the possibilities of studies concerning the social relations and the quotidian of these men and women in the Pantanal Mato-grossense.

KEYWORDS: Pantanal Mato-grossense, funeral practices, social representations.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido no âmbito da Iniciação Científica, junto ao Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – NERU/ICHS/UFMT, como parte das pesquisas constituintes do projeto “Modos de vida: ribeirinhos e camponeses do Pantanal Norte Mato-grossense”². Analisamos as práticas e representações fúnebres tecidas no cotidiano dos moradores da comunidade de São Pedro, do distrito de Joselândia, Barão de Melgaço-MT, significativas para a compreensão da organização social dessas populações tradicionais. Em nossa análise, privilegiamos os rituais fúnebres dos católicos, por ser esse grupo maioria nessas localidades rurais, não deixando de relacionar essa lógica religiosa com outras não-católicas, evidenciando, desta forma, as tensões estabelecidas entre os grupos sociais a partir de diferentes práticas e representações religiosas.

O Pantanal Brasileiro encontra-se compreendido entre os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, numa área de 140.000 km². Essa imensa planície ainda estende-se pelos territórios boliviano e paraguaio, sendo lá

² O projeto tem como coordenadora Profa Dra Sueli Pereira Castro, que também foi orientadora deste estudo no PIBIC, entre 2003 e 2005.

denominada Chaco. O território do distrito de Joselândia localiza-se no entorno da Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) do Serviço Social do Comércio (SESC Pantanal). Nesta espacialidade, os rituais fúnebres são manifestações culturais, eventos que fogem do cotidiano, instaurando um outro tempo, um outro ritmo cotidiano, orientando-se por regras próprias, tendo duração e significados específicos (SOUZA, 2001, p. 545-566).

Os ritos fúnebres são complexos, ocorrendo geralmente em espaços comuns aos grupos que compõem uma determinada localidade. O tempo instaurado por esses eventos é diferenciado e composto de muitos sentidos, como o de perda, dor, sofrimento, saudade, ausência, utopias... Mas esse mesmo tempo eclipsa também o calendário da rotina e do trabalho dos homens, substituindo-o por um feixe de funções.

Valemo-nos de um trabalho de natureza etnográfica, ou seja, preocupamo-nos com uma descrição mais atenta da *realidade* local, permitindo uma interpretação “densa” (GEERTZ, 1978), privilegiando as categorias sociais das quais se utilizam os grupos sociais para definirem sua identidade – seus códigos de valores e idéias, sua cosmologia e seus sistemas de classificação, referenciadores dos seus sistemas de ações – em movimento, nos diferentes contextos temporais e espaciais. Neste sentido, utilizamos o trabalho de campo – com cadernos de campo e questionários socioeconômicos – para desvelar o universo de práticas e representações que compõem o universo cultural da região pesquisada, juntamente com a bibliografia levantada sobre o tema e região.

Os relatos de memória, numa relação sujeito-sujeito, mostraram-se significativos em nossa percepção das relações desses moradores com a morte. A metodologia da “história oral”, muito longe de constituir-se uma simples “técnica” de registros orais e posterior transcrição das entrevistas, nos educou no sentido dos códigos sociais e culturais, ou seja, no respeito pelo horário do trabalho na roça, pelo horário do almoço, no conhecimento do como proceder diante do entrevistado. Esta postura metodológica possibilitou que apreendêssemos aspectos do cotidiano imbricados com as transformações socioculturais na localidade, pois a “história oral”, no trabalho com a população, tem possibilitado o regis-

tro de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas e muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores (MONTENEGRO, 2001, p. 26-27).

A tradição oral marca fortemente as comunidades tradicionais na Baixada Cuiabana. Os saberes e experiências vividas pelos mais velhos são transmitidos pela oralidade³ e a memória aparece como fonte significativa para a apresentação de todo um universo de vivências dessas pessoas que habitam o Pantanal Mato-grossense.

Ao longo das conversas informais e também das entrevistas que foram sendo realizadas, a partir de cada contato estabelecido com os moradores da comunidade de São Pedro de Joselândia, pudemos refletir sobre os significados dos ambientes freqüentados, usufruídos por esses personagens. Muitos desses sentidos às vezes não nos chegam, não nos fazem sentido quando não voltamos nossas percepções para os motivos, as intenções, os sentimentos que vão sendo dados pelos indivíduos aos espaços que constroem em seu cotidiano. Os caminhos do trabalho etnográfico conduzem-nos para as minúcias do dia-a-dia, onde adentramos nas vivências dos grupos sociais com os quais lidamos em nossas pesquisas de campo. A religião, ou a vivência dela, foi significativa no entendimento dos espaços que compõem o território da comunidade de São Pedro, por estar presente na operação de práticas e representações sociais daquele universo camponês.

A problemática da morte – dos rituais que a cercam, sobre os mortos e o morrer em uma determinada sociedade e/ou especificidade cultural – leva-nos a entender a própria vida nos seus variados aspectos e não somente como um evento biológico e etapa final do estado físico humano.

Hoje, aos poucos, o sexo já deixa de ser tabu, assunto interdito, como expõe Altair Macedo Loureiro (2000, p. 13). Deixamos de ver “crianças nascidas de repolhos”, contudo, com a morte não ocorre o mesmo, pois

³ A respeito do cotidiano e dos saberes pantaneiros a partir da análise de relatos de memória, cf. Campos (2004) e Campos Filho (2002).

continuamos a “esconder” nossos mortos entre as flores. José Luiz de Souza Maranhão (1985, p. 9-10) também segue esta mesma direção de análise, dizendo que a morte é um fenômeno curioso a se entender na sociedade capitalista, pois, à medida que a interdição em torno do sexo foi relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável.

Essas mudanças ficam claras nas próprias relações que esse fenômeno, biológico e social, comporta. Por muito tempo, a pessoa que presentia seu fim se deitava em seu leito, presidia os atos ceremoniais fúnebres estabelecidos, numa cerimônia pública aberta. O moribundo dava as recomendações finais, exprimia suas vontades. Com transformações econômicas e sociais ocorridas ao longo do tempo, essa relação do homem diante da morte foi perdendo força, sobretudo com a necessidade de ordenamento do espaço urbano, as transferências dos enterramentos que se faziam nas igrejas para os cemitérios, entre outros, sob a influência significativa dos ideais de progresso, desenvolvimento, higienização e civilização, presente principalmente no Brasil, ao longo do século XIX. O local privilegiado, em linhas gerais, passou a ser o hospital, principalmente porque a família transferiu aos médicos, enfermeiros e outros profissionais os cuidados com os enfermos, que acabaram por ficar mais tempo sozinhos, vindo, muitas vezes, a falecer entre máquinas⁴.

Ao procurar entender a vida, deparamo-nos com as relações sociais nela contidas, e o fenômeno biológico, social e até econômico da morte nos mostra claramente as práticas e representações culturais que ela envolve, fazendo-nos perceber os modos de vida e a lógica camponesa organizacional do social na comunidade de São Pedro, territorialidade escolhida dentro do distrito de Joselândia, destacando significativamente os elementos da cultura e da religião do grupo. As relações sociais envolvidas na “cultura fúnebre” dos joselandenses serão abordadas nessa determinada especificidade cultural, em suas “faces e interfaces” (LOUREIRO, 2000, p. 14). É importante compreender que essas relações entre vivos e mortos

⁴ Sobre essa discussão, cf. Rocha (1998; 2001), Loureiro (2000, p. 91-95) e Maranhão (1985, p. 7-19).

envolvem diversas questões que oscilam do “cultural ao socioeconômico” (ROCHA, 2001, p. 13), sendo importantes para desvelar seus aspectos, pois:

Na tentativa de buscar formas de autopreservação, o homem construiu em volta da morte uma espécie de sistema ritualístico, procurando despojá-la de seu aspecto selvagem e violento, tornando-a acontecimento público, que proporciona condições para reforçar laços e vínculos familiares e sociais, pois envolve a todos em torno do morto ou moribundo (idem, 1998, p. 12).

Portanto, é salutar que se entenda a morte nas suas conotações não só de horror e de medo que se nos apresentam hoje em dia, mas em toda a sua especificidade, levando-nos a descortinar todo um conjunto de sociabilidades mantidas e de atitudes tomadas diante dela.

UM VÔO SOBRE AS TERRAS MOLHADAS

A denominação *Pantanal* comporta uma pluralidade de significados, pois são muitas as singularidades dentro desse ambiente. Essa região, mesmo tendo como característica o elemento água, não fica nos períodos de cheia totalmente alagada, como se caracteriza uma região pantanosa. No entanto, segundo Enaile do Espírito Santo Iadanza (1993), pode-se utilizar essa denominação por ser tradicionalmente aceita e adotada, mas a região é composta por várias áreas distintas de drenagem, solos e vegetação. O Pantanal deve ser ressaltado no plural, como diferenciados *Pantanais*. Tanto Enaile do Espírito Santo Iadanza (op. cit.) como Mário Cézar Silva Leite (2003, p. 36) pensam ser adequado referir-se a essa região como *Pantanais* ou acrescentar-se ao termo o nome da microrregião específica. Desta forma, a comunidade de São Pedro, que se localiza no Pantanal de Barão de Melgaço, pertence à Microrregião Homogênea (MRH) Alto Pantanal, juntamente com os Pantanais de Poconé e Cáceres.

As autoras Joana A. Fernandes Silva e Carolina Joana Silva (1995) dizem que, das mudanças ocorridas em longo prazo para as mudanças

compreendendo tempos mais curtos, os ciclos plurianuais e anuais da dinâmica das águas definem um pulso nas áreas alagáveis no Pantanal. Tanto a enchente como sua consolidação na cheia produzem mudanças significativas nas unidades de paisagem, na dinâmica dos processos ecológicos e biológicos e no modo de vida dos pantaneiros.

Segundo Maria de Fátima Costa (1997), o Pantanal é um dos mais significativos ecossistemas do mundo, que forma um dos maiores sistemas de áreas alagáveis contínuas da América Meridional. Esse sistema tem suas nascentes em terras brasileiras e estende-se pela região do Chaco do Paraguai e Bolívia. As águas pantaneiras pertencem à bacia do Alto Rio Paraguai, que é tributária da imensa bacia do Prata, onde o Paraguai é seu principal rio formador. O Estado de Mato Grosso abriga a parte norte, com as nascentes de alguns dos seus rios, dentre estas a do rio Paraguai e parte da região alagada: “o volume de água no período de cheias desenha um lugar que não tem perenidade. Existe e não existe ao mesmo tempo. A água é o elemento norteador das relações ali desenvolvidas” (*ibid.*, p. 7).

Na região de Mato Grosso, as cheias em Cuiabá, Santo Antônio do Leverger e Barão de Melgaço, pelos rios Cuiabá e Paraguai, ocorrem durante o período das chuvas, compreendido de janeiro a março. Com o impulso da enchente e sua consolidação com a cheia, ocorrem mudanças significativas nas unidades de paisagem, renovando os processos ecológicos e biológicos do ambiente, além de levar os homens que aí vivem a ter um outro ritmo, juntamente com os animais, na estação aquática.

A vazante também é um período significativo, pois permite que grande parte da matéria orgânica produzida durante a cheia seja transportada para diferentes lugares através dos rios e sangradouros, fazendo com que a biodiversidade permaneça, garantindo-se no Pantanal. Esse período é também o da fartura, quando os grãos já estão colhidos e armazenados, em que toda a Baixada Cuiabana está em festa. Graças às colheitas, seus produtos podem ser utilizados nos festejos reverenciadores dos santos católicos (CASTRO, 2001).

Além dessa alternância de períodos de secas e inundações, a vasta planície pantaneira é um espaço ecologicamente importante, possuindo

variedades de espécies, sobretudo da fauna. Plantas e animais se fazem presentes nesse ambiente, mas não são os únicos a compor o cenário. Grandes fazendas de criação extensiva de gado e agricultura ali estão, e o mais importante, muitas comunidades tradicionais camponesas também, como a própria São Pedro (IADANZA, 1993).

Contudo, os meios de comunicação de massa insistem em desconsiderar esse ambiente como culturalmente significativo e socialmente construído. É um grande equívoco abordar essa espacialidade apenas como um reduto de animais e plantas, como uma natureza intocada, pois a natureza virgem não é mais do que um mito criado pela ideologia de civilizados sonhadores de um mundo diferente do seu: o deserto e a floresta foram freqüentemente criados pelo homem, como o bosquete, os oásis ou os arrozais em terraços (MENDRAS, 1978).

Diante de um mundo pretensamente globalizado, que aproxima cada vez mais as relações humanas através da tecnologia, industrialização, que cresce em desigualdades sociais e violência, o Pantanal aparece, então, como uma espacialidade de estada para os anseios do homem moderno. Abílio Leite de Barros (1998, p. 10) expõe claramente isso em suas crônicas:

Nós aí já estávamos, por mais de 100 anos, convivendo com esses animais, botando o boi junto deles e vivendo. Surpreendente que os primeiros descobridores não nos tenha percebido. Convivendo com o santuário sem destruí-lo, mereceríamos, por certo, alguma admiração, apesar de que, aos olhos de alguns ecologistas, parece um escândalo que possa existir uma atividade econômica convivendo com a preservação ambiental. E lá estávamos nós criando boi no santuário!

Ambiente plural presente nos relatos das vivências de homens e mulheres, eis o Pantanal Brasileiro! Vários grupos humanos habitaram essa região no decorrer do tempo e, mesmo antes da chegada dos primeiros conquistadores ao interior da América do Sul e de todo o continente americano, sociedades ameríndias já ocupavam essas terras. Com o desenvolvimento da conquista e da ação colonizadora durante o perí-

odo moderno, muitos desses grupos étnicos foram absorvidos, “civilizados” ou extermínados quando ofereciam resistência.

As terras pantaneiras, antes da chegada do europeu eram ocupadas por milhares de índios agrupados em nações, com culturas e línguas diferenciadas, tais como os Guaicuru, Paiaguá, Guató, Pareci, Kayapó, Umutina, Guarani, entre outras. Estes grupos, que tinham entre si uma demarcação *natural* dos seus territórios, eram nômades, fabricavam cerâmica, alguns cultivavam milho, algodão e estabeleciam laços de amizade ou lutavam entre si. Por terem adquirido, ao longo de gerações, conhecimentos empíricos dos seus ecossistemas, mantinham relações harmoniosas com seu meio circundante (COSTA, 1997, p. 13).

Contudo, antes do avanço dos mamelucos paulistas sobre o território sul-americano, as terras pantaneiras, que pelo Tratado de Tordesilhas (1494) pertenciam à Espanha, foram adentradas pelos conquistadores espanhóis à procura de riquezas, as quais, posteriormente, também serviram de motivação posteriormente para o avanço dos luso-brasileiros, durante o século XVIII.

A investida espanhola, desde o século XVI, marcou o processo de conquista das terras molhadas. Navegadores e conquistadores espanhóis penetraram esse ambiente e, conforme isso ia se dando, o ambiente e os grupos humanos que ali habitavam eram descritos. Com isso, essa região também foi nomeada, surgindo a *Laguna de Los Xarayes*, nome dado pelos espanhóis ao meio sazonal que hoje é o Pantanal (*ibid.*).

Xarayes, segundo Maria de Fátima Costa, vai figurar por muito tempo nas cartografias europeias das terras conquistadas no ultramar, só deixando de neles vigorar com o desenvolver do processo histórico, quando a ação dos portugueses sobre a região se efetivou. Os mamelucos paulistas avançaram a linha imaginária de Tordesilhas e, com esse avanço, foram renomeando os lugares por onde passavam e que ocupavam, dentre eles *Xarayes*, que passou a chamar-se *pantanaes* (Pantanal).

E, mesmo tendo sido ocupada por grandes fazendas de criação exten-

siva de gado, essa região apresentou diferenciadas formas de uso do espaço. Há, nesses territórios, várias comunidades rurais que se formaram a partir de sesmarias doadas durante os séculos XVIII e XIX, de onde se formaram *patrimônios*, ou seja, terras destinadas a um determinado santo ou orago, servindo de espaço a um prédio da Igreja Católica, significativo elemento agregador dos grupos sociais em deslocamento. Segundo os relatos de memória, a história da formação das comunidades que são constituidoras do distrito de Joselândia, e que foram visitadas nas pesquisas de campo – São Pedro, Pimenteira, Retiro São Bento, Lagoa do Algodão e Ilha do Piraí – estão em território *sesmeiro*, sendo evidenciadas pela memória as sesmarias de Santo Antônio da Barra, Serragem e Arrozal.

RITOS DA MORTE NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

São Pedro é uma comunidade presente em um ambiente rural e sazonal, sofrendo o fluxo do subir e descer das águas em sua espacialidade nos períodos de seca, chuvas, enchentes/cheia e vazante. É uma comunidade pantaneira, tendo como elemento importante de sua formação e constituição o parentesco, no território da sesmaria Santo Antonio da Barra, que posteriormente teve suas terras doadas para a formação de patrimônio, ou seja, demarcação de território pertencente à igreja local, que recebe nome do seu padroeiro que nomeia a comunidade, São Pedro.

Nas visitas a campo, participamos do dia de Finados e das atividades que o envolveram. Foi nesse momento que oportunizamos a discussão em torno dos rituais fúnebres do catolicismo na região, que é predominante; além, é claro, de apreendermos as características culturais dessas práticas.

Visitamos os dois únicos cemitérios de São Pedro e outros nas comunidades próximas de Retiro São Bento e Pimenteira. Contudo, a escolha por pensar primeiramente essa relação com a morte em São Pedro se deu pelo intenso movimento ocorrido no cemitério próximo às terras do patrimônio da localidade, onde pudemos conversar com os que lá estavam e perceber também conflitos surgidos mediante a instalação de ou-

tras unidades não-católicas na região, os “crentes”, como veremos nos casos das “almas-penadas”.

Os cemitérios de São Pedro, situados um ao centro da comunidade e outro em suas proximidades, trazem sinais característicos de um ambiente rural e sazonal. Eles possuem, em sua maioria, enterramentos feitos diretamente no solo, sepulturas no chão, predominando como demarcadores as cruzes de madeira em cada uma delas. O “mato” geralmente ocupa o espaço do cemitério, que é limpo em ocasiões especiais, como o dia de Finados, e em alguns momentos no decorrer do ano. Além disso, na época das águas, das chuvas intensas, os cemitérios ficam parcialmente ou totalmente alagados, sobretudo com a consolidação da cheia. Nesta ocasião, muitas das cruzes de madeira situadas nos cemitérios, e até os poucos jazigos lá presentes, acabam se danificando, fazendo com que muitas delas caiam e sejam colocadas de lado nessa espacialidade.

Com todo esse processo de paulatina danificação, muitas pessoas não encontram o local exato do enterramento de seus mortos. Isto ficou claro no dia de Finados, onde aqueles que iam acender velas e fazer orações para seus entes falecidos não tinham a cruz como a referência do local da sepultura. Contudo, muitos afirmaram que isso não importa, pois o espaço do cemitério é *“terra de comum, e terra de comum não é dividido, nem demarcado”* (Sujeito 1). Isto é um explícito reflexo da utilização das terras na região antes da intensificação da utilização das cercas.

As terras eram de uso comum, com espaço amplo para a criação do gado, que havia em maior quantidade nas pastagens naturais, e na lida com a roça, onde se tinham mais terras para essa finalidade, possibilitando o descanso por mais tempo das terras anteriormente utilizadas para o plantio.

Nesse sentido, o cemitério, segundo alguns moradores, é um espaço reservado para a família dos mortos pelos vivos, sendo de usufruto de todos da comunidade. É uma espacialidade coletiva, na qual a comunidade não considera apenas o local específico onde foi enterrado o seu morto, mas sim toda essa territorialidade. Diante disto, às vezes, quando se enterra uma pessoa no cemitério mais ao centro da comunidade, que é o mais utilizado, acabam sempre encontrando ossos de outros faleci-

dos, que são enterrados novamente junto ao corpo do novo defunto.

Os cemitérios significaram espaços de observação direta, onde se misturavam sentimentos, sensações de dor pela ausência do ente falecido, de saudades. No cemitério aqui tomado como exemplo, próximo ao patrimônio de São Pedro, havia um cruzeiro central com velas acesas. Algumas pessoas nos disseram que é lá que são acesas as velas para as pessoas que não foram enterradas ali ou para as que foram, mas não se sabe o lugar preciso, pois a cruz da sepultura já caiu. Podemos perceber que a cruz é um dos elementos mais significativos para esse grupo predominantemente católico, pois representa uma alusão ao sofrimento de Cristo na reunião de todos os pecados, permitindo, assim, a manutenção da esperança na vida eterna (ROCHA, 1998, p. 66).

Esse significado está exposto não só pela materialidade da cruz no cemitério, mas pelo caráter simbólico que ela representa no catolicismo, como podemos perceber pelas orações utilizadas nos velórios e rezas nos cemitérios da região:

*Por aqui passou um homem
Com uma cruz muito pesada
Cada passo que ele dava que fazia ajoelhar
Também vi Nossa Senhora rezando quando eu pedia
Meu Jesus Crucificado, graças por vos servir
Esta oração foi bem dada para rezar sete vezes
Na Quaresma e outras sete vezes no carnar
Alcançará o perdão de Deus, lá no céu tem seu lugar
Lá no céu tem seu lugar* (Sujeito 2).

A oração traz as representações sociais que envolvem o universo da morte para os católicos em São Pedro. *Jesus Crucificado* é a figura central, presente na oração através de seu sofrimento no caminho à crucificação, entendida como iniciativa divina para o perdão dos pecados do mundo. Ela ainda mostra um dos espaços almejados pelos cristãos, o céu. É um espaço que só será alcançado mediante o perdão de

Deus, claramente explicitado pela cruz. Outros elementos ainda são expostos, como a figura de Nossa Senhora e o período quaresmal, onde uma intercede perante Deus e outro se resume ao próprio significado de arrependimento e conversão em preparação à ressurreição, o perdão através da vida nova, e a salvação, que também vemos num trecho de outra oração: ‘*Sagrário aberto, saiu o Senhor afora. Levai essa alma que vai pela glória*’ (Sujeito 2).

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1987, p. 6), isso mostra claramente a necessidade de se atribuir “ao que partiu” um lugar apropriado fora, realmente, da presença e da ordenação cotidiana do mundo dos vivos, um outro lugar social e até de acordo com a leitura de sua vida, como falam alguns moradores de São Pedro: o céu, o purgatório e o inferno. Ao mesmo tempo em que pensamos nos mortos através de nossos rituais e orações, desejamos que eles ocupem uma outra espacialidade, numa relação mediada entre mundo dos vivos / mundo dos mortos.

Segundo a historiadora Maria Aparecida Borges de Barros Rocha (1998, p. 6-9; 2001, p. 29), os primeiros cemitérios surgiram, a partir do século V, nas proximidades das igrejas, pois, enquanto os enterros dos nobres eram feitos próximos dos altares, a grande maioria dos pobres era enterrada nos terrenos em volta das igrejas, dando origem aos cemitérios, que se tornariam, posteriormente, o centro da vida social das cidades e, depois, sobretudo no século XIX no Brasil, com os ideais higienistas europeus, normatizados como lugares dos enterramentos.

As relações entre vivos e mortos se deram e se dão essencialmente no espaço de seus enterramentos, como vemos nos cemitérios em dia de Finados, seja no meio urbano ou rural. Percebemos que o cemitério visitado em São Pedro constitui-se em um espaço de encontro dos vivos com os vivos e destes com seus mortos, como se percebe na fala de uma mulher: “*de manhã cedo, eu vim pra visitar os mortos e agora [por volta das 10 horas] vim pra visitar os vivos, só assim pra encontrar*” (Sujeito 3).

A observação direta dessas pessoas no dia de Finados nos mostrou os significados que os cemitérios comportam em si, e significativamente nessa

especificidade cultural de São Pedro. Eles significam espaços sagrados, de respeito, onde os chapéus ficavam do lado de fora. Locais de acenderem-se as velas, realizarem suas orações, lembrarem-se dos que já morreram, reavivar a memória dos falecidos, sendo eles da mesma religião ou não.

Os cemitérios ainda podem ser reconhecidos como espaços de representações e de conservação das lembranças dos familiares, pois, da mesma forma que um álbum de retratos, eles trazem aos visitantes uma forma de materialização desses mortos que não devem ser esquecidos, mas cuja lembrança deve ser transmitida aos filhos para preservação da memória da família, enquanto oferecem aos vivos um sentido de coesão, organização familiar e de fortalecimento de laços (ROCHA, 1998, p. 86).

Essas características ficaram evidentes no dia de Finados por nós acompanhado. Os relatos orais nos traziam nomes de pessoas, além de apontarem, dentro do espaço do cemitério, as diferenciações através das sepulturas. Muitas pessoas nos apontaram túmulos que não apresentam cruzes por serem dos “crentes”, dizendo que eles também não tiveram velas acesas em seus funerais.

Além disso, esses relatos evidenciaram aparições de “almas-penadas”, ou seja, espíritos de pessoas que não conseguiam “descansar” por algum motivo; de pessoas que possuíam coisas pendentes, que não ocupavam os seus espaços no mundo dos mortos.

Os católicos, no espaço do cemitério no dia de Finados e em outras ocasiões da pesquisa, nos falaram, sobretudo, de duas aparições: a da dona Maria e a do seu filho, o Porfírio. Ambos possuem algo em comum: são membros de uma unidade religiosa não-católica na região, a Assembleia de Deus; segundo eles, são os “crentes”. Eles andavam *‘aparecendo, não conseguiam sossego’*, por não terem em seus funerais os elementos vela e cruz, pois *“a religião não permite”* (Sujeito 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os sentidos dados pelos indivíduos e grupos sociais aos espaços que vivenciam, aonde produzem e reproduzem constantemente. Qualquer estudo dos sentidos, das re-significações estabelecidas às práticas dos espaços, seja em áreas rurais ou urbanas, deve levar em consideração as lutas de representação e violências simbólicas (CHAR-TIER, 2002, p. 81-100), como explicitadas nos indícios sobre os rituais fúnebres em São Pedro de Joselândia, Pantanal de Barão de Melgaço.

Nessas condições, não podemos esperar que o universo simbólico seja um todo coerente e unitário. Pelo contrário, as festas fúnebres analisadas neste estudo se apresentaram como um conjunto fragmentado de normas e valores, onde existem elementos provenientes de diferenciadas experiências culturais e temporais, tanto de áreas rurais como urbanas, pelas crenças religiosas, valores plurais dos percursos (MAGNANI, 2003, p. 30).

Os espaços são experimentados pelos indivíduos que transitam, reinventam e ressignificam os ambientes urbanos e rurais, coexistindo diferenciadas formas de apropriação dos lugares. A comunidade de São Pedro é um espaço constituído por essas redes de relações de forças estabelecidas pelos indivíduos e grupos sociais⁵, que possuem suas lógicas religiosas próprias, importantes na sua visão de mundo, orientadoras de suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Abílio Leite de. *Gente Pantaneira*. Crônicas de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Festa dos mortos: uma breve visita. *Boletim de Antropologia*, Campinas, n. 2, p. 4-9, 1987.
- CASTRO, Sueli Pereira. *A festa santa na terra da parentalha*: festeiros, herdeiros e parentes. Sesmaria na Baixada Cuiabana. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH – USP, 2001.
- CAMPOS, Cristina. *Pantanal Mato-grossense*: o semantismo das águas profundas. Cuiabá: Entrelinhas, 2004.

⁵ Sobre essa discussão, cf. Certeau (1994), Deleuze (1988) e Foucault (1979).

- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. *Tradição e rupturas*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- COSTA, Maria de Fátima. *Notícias de Xarayes*. Pantanal entre os séculos XVI a XVIII. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH – USP.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (O caminho das utopias)
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- IADANZA, Enaile do Espírito Santo. *Produção camponesa nos pantanais de Mato Grosso*: estudo de comunidade de São Pedro, município de Barão de Melgaço. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP.
- LEITE, Mário Cesar Silva. *Águas encantadas de Chacororé*: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2003.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte*: subsídios para possíveis avanços de estudo. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MARANHÃO, José Luiz de Sousa. *O que é a morte*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- MENDRAS, Henry. *Sociedades campomessas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória*: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da História).
- ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Negociando a morte*: estudos de testamentos, túmulos e epítáfios em Cuiabá no período de 1870 a 1889. Cuiabá, 1998. Monografia (Especialização em Metodologia da Pesquisa em História), Departamento de História – UFMT.
- _____. *Igrejas e cemitérios*: as transformações nas práticas de enterramentos na cidade de Cuiabá - 1850 a 1889. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História), ICHS – UFMT.
- SILVA, Joana A. Fernandes e SILVA, Carolina Joana. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.
- SOUZA, Iara Lis Carvalho. Liturgia real: entre a permanência e o efêmero. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). *Festa*. Cultura e sociabilidade na América portuguesa. v. 2. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial, 2001. p. 545-566.